

A ECO E A CARTOGRAFIA DOS PÁSSAROS: NAS IMEDIAÇÕES ABERRANTES

Marta Catunda¹
Rodrigo Reis Rodrigues²

Resumo: Este texto apresenta algumas atividades desenvolvidas pelos autores, em oficinas, encontros, práticas de sensibilização por uma ecologia sonora, abordando este tema em conexão com a ecosofia de Felix Guattari. Ambos participam de atividades de pesquisa promovidas pelos Grupos de estudos universitários, Perspectiva Ecologista da Educação e Ritmos de Pensamento, da Universidade de Sorocaba, UNISO e o Grupo de Estudos Ecosofia uma ética para o século XXI. Neste texto apresentam o dispositivo da cartografia dos pássaros, pesquisa de um Pós doutorado em Educação(UNISO) e o Concerto Eco, apresentado como Conclusão de Curso em Regencia e Composição em Música, UNESP, explicitando alguns aspectos importantes que vem motivando respectivamente estas pesquisas e composições, no encontro com as atividades sensíveis propostas e desenvolvidas nas Imediações Aberrantes do VII Seminário Conexões Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e.

Palavras-chave: Ecosofia; ecologia sonora; cartografia.

Resumen: El texto presenta algunas actividades desarrolladas por los autores, en talleres, reuniones, prácticas de la ecología del sonido, abordan esta cuestión en relación con la ecosofia Félix Guattari. Ambos participan en las actividades de investigación promovidas por grupos de estudios universitarios, Perspectiva Ecologista de la educación y Ritmos del Pensamiento, de la Universidad de Sorocaba, UNISO y Grupo de Estudios Ecosofia una Ética para el Siglo XXI. Sus estudios han resultado en un dispositivo de carta de pájaros, que es objeto de un estudio de post doctorado en Educación, y un concierto titulado ECO, que fue presentado como una conclusión del curso en la modalidad de la Regencia y Composición en Musica, UNESP, Señalando algunos aspectos importantes que viene motivando respectivamente estas búsquedas y composiciones, en el encuentro con las actividades sensibles propuesto y desarrollado en VII Seminario conexiones aberrantes Deleuze y Ecologías y Cosmopolíticas Radicales y una Nueva Tierra y.

Palavras-clave: Ecosofia; ecologia del sonido; cartografia.

Experimentar conceitos de Gilles Deleuze e Felix Guattari, sonorizá-los, compô-los, cartografá-los tem sido uma vontade que move descobertas em nós. Experimento sem chegada mas, um ímpeto destrutivo que a leitura desperta, contagia, surpreende e motiva outras ações e criações em nós. Guattari(2001, p. 7) nomeia as *perturbações dos modos de vida humanos individuais e coletivos*, que vão em direção de uma progressiva deterioração da vida doméstica, empobrecendo as relações individuais, conjugais e familiares, aprisionadas na padronização de comportamentos, gangrenada pelo consumo da mídia, uma vida "ossificada" em expressão.

Em especial as Três Ecologias de Félix Guattari, inaugura para os Grupos de Estudo dos quais participamos, vontade de experimento, de outramento, de composições de muitas durações desfigurantes da vida besta, ossificada, descarnada. Daí subverter antes de ser libelo, arborescer não em raiz, mas em vibrações imateriais que não pertencem aos domínios

¹ Pesquisadora PNPd CAPES do Grupo de Estudos Perspectiva Ecologista da Educação e Ritmos de Pensamento ambos da UNISO.

² Rodrigo Reis compositor formado pela UNESP, coordenador do Grupo de Estudo Ecosofia: Ética para o Século XXI, mestrando em música pela UNESP.

instituídos. São dessas aberturas para fora de um adentramento feito de ritornelos, aquelas ideias que se deixem levar musicalmente ao ponto de destravamento do ritmo, do canto, das acrobacias espiralando o que ainda não é conceito (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 3).

Por isso o espaço do grupo quando ele se dá, logo propomos o que despropõe de certa forma afim de dar ninho, compor nichos, aninhar com aqueles ali já predispostos. A proposta Imediações Aberrantes do Seminário Conexões Deleuze e Cosmopolíticas Radicais e Nova Terra e... foi recebida neste mesmo movimento recompositivo.

Ambos musicistas e compositores, mergulhamos nos estudos de ecologia sonora querendo trazer à tona uma outra escuta/ausculta, outra ecologia relacional com o mundo sonoro onde estamos mergulhados. Nos inspira a zoofonia de Hercules Florence (1828) quem em suas durações múltiplas gera geofonias de muitas terras (CATUNDA, 1994, p. 57) e o diálogo musical da ECO³ (Ode a ecosofia) que se dá com estilos e linguagens pós-tonais, sobretudo com o microtonalismo do compositor italiano Giacinto Scelsi (SCELSI, 1966). Ambos atentos a Ecologia Sonora do canadense Murray Schafer (2001), instigados a Biofonia de Bernie Krause (2013). Afinal não são muitos autores ocupados com o mundo imaterial das ondas sonoras senão estritamente como matéria prima da música, mas como um campo a ser conhecido e que atua em nós de forma invisível, a ecologia sonora relacional entre humanos, o estudo da ambiência sonora e suas relações possíveis é algo mais raro.

Partimos de uma compreensão comum, da ecosofia que ressoa de Guattari, movimentamos nossa inserção neste universo da ecologia das relações sonoras/musicais sobretudo, como o mundo onde emergimos/imersos para observar a audição dos sons que nos rodeiam, no ensejo das escutas diferenciadas dos participantes, em oficinas, encontros e como isso vai interferindo na nossa própria escuta e provocando construções muito peculiares de uma dada/posta ambiência sonora que nos instiga de forma única. O despertar de certas sutilezas sonoras e musicais vão assim consistindo um ouvir/escutar cada vez mais sensível ao mergulho da audição em outras experiências. A escuta pode então passar a ser compositiva a partir de elementos sonoros mais inusitados, afirmando desejos de invenção singulares que se possam ser praticados coletivamente.

A ECO

Raízes, que espalhem e destruam o asfalto
Galhos que cresçam e arrebentem os fios
Bichos que voltem e livres tomem conta
Humanos que definitivamente desapareçam

Este aforismo a seguir é proposto por Rodrigo Reis Rodrigues (2016), como uma provocação que foi apresentado no vídeo ECO. A composição foi feita em 4 partes. As seções 1 e 2 Raízes, galhos e as patas dos animais, com a participação de um sexteto de cordas. As raízes que destroem o asfalto, a segunda parte, os galhos que cresçam e arrebentem os fios, também executados pelo quarteto de cordas em especial um estudo etnomusicológico do carro de boi, a outra parte chamada pata com instrumentos de percussão. Na terceira seção Asas, com 18 cantos catalogados pela orquestra com os apitos ornitológicos. E a 4 seção, o fim do homem. Humanos que definitivamente desapareçam, é uma proposta polêmica que exigiu contornar bem a questão do homem, do ser humano baseado nos últimos homens de Nietzsche (2014) assumindo uma concepção dramática que os últimos homens desaparecem no concerto. Em suma, este Homem é um sujeito

³ ECO. Concerto. São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oGYQmtC5B5E>>. Acesso em: 26 mar de 2017.

Antropocentrado, inscrito em valores industriais capitalísticos que toma o corpo da Terra e seus recursos minerais, vegetais e animais conforme sua conveniência utilitária, numa cultura liberal-lixuosa de uso e descarte. Homem que segundo Nietzsche é uma corda estendida entre o animal e o além-do-homem – uma corda sobre um abismo. “O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: o que pode amar-se, no homem, é ser uma transição e um ocaso”. Majoritário por excelência “homem-branco, adulto-macho”. No desenrolar dramático do concerto não finda, mas se transvalora num Além-do-Homem. Transmuta-se num Homem-Árvore (Artaud, 1988), dotado de um corpo ecossistêmico, esquizopresença.

Motivado por esse desaparecimento, essa transmutação no Além-do-homem, uma imagem de Artaud, do homem árvore, foi transposta para a criação de uma floresta de homens árvores. Para esta floresta foi preparada, ensaiada uma peça para coro de 18 vozes com a participação de uma solista que faz o papel de Gaia. Durante as Imediações Aberrantes a ECO foi apresentada em vídeo aos participantes, a parte dedicada aos pássaros e ao coro glossolálico. Os quatorze anos envolvidos com a Ecosofia culminaram nesta composição orquestral e na produção do concerto ECO; fazer que marca a conclusão da graduação em Composição e Regência no Instituto de Artes da UNESP em São Paulo, entre 2010 e 2016. Para além de obra autoral, Eco tem relação com a autopoiese, obra autopoietica. Trata-se da ocupação de um território com intento de criar e compor um ecossistema vivo e potente, de produção de subjetividade, um campo de afecções eco-políticas e com isso, de contribuição com a pesquisa acadêmica. Território onde o termo compor é subvertido e se torna *por com, por em comum* e o papel do compositor é fomentar *um ambiente composicional*, onde composição se torna *compositura* (como em tessitura), e a sala de concerto propicia condições para hospedar um *ecossistema sonoro vivo*.

Ressingularização por gorjeios: cartas dos pássaros



FIG. 1 A



FIG. 2 A



FIG. 3 A



FIG. 1 B



FIG. 2 B



FIG. 3 B

As cartas musicais dos pássaros proposta por Marta Catunda, contém 57 espécies de pássaros e aves da Região Neotropical compreendendo todos os gêneros e famílias desta região zoogeográfica e 23 complementos, que são os alimentos das espécies das aves e pássaros escolhidos. Compreendem a região Neotropical todas as espécies que vivem do Sul do México ao deserto da Patagônia como continente de vida. As Cartas Musicais dos Pássaros aqui apresentadas e tem um foco na questão ambiental, no imaginário popular universal sobre os pássaros, na linguagem xamânica dos índios sulamericanos mas, sobretudo como um produto de uma atividade acadêmica de pesquisa em educação em perspectiva ecologista. Constitui-se num jogo, diferente já que não há uma única forma de utilização. Há um trajeto possível em forma de espiral como linha em todas as direções (vertical, horizontal, transversal direita e esquerda), as estrias abrigam pontos de abertura para a imaginação. As cartas podem ser sorteadas, escolhidas ou formar outros trajetos com pontos em branco exigindo dos participantes escolhas e relações próprias que um única carta pode disparar. Uma outra relação pode ser inventada, inaugurada a partir do dispositivo das cartas, uma relação que antes não se fazia presente. Cada carta individualmente responde 16 possibilidades de um único pássaro ou complemento(alimento do pássaro). Elas vão se multiplicando na leitura. Inicialmente concebido como um produto pronto, uma ferramenta de descobertas, que, com a abertura à comunicação grupal mostrou-se como um produto em ressingularização. Permitindo abrir para outros usos. Um produto que se produz/reproduz de formas diferentes entre os participantes. Como dispositivo as cartas (frente/verso) remetem a construção e invenção de relações ecoestéticas, que são dadas por números, símbolos, elementos e a imagem dos pássaros

Exemplo: pássaro da água (frente, g. 1 A) água em movimento (verso, g. 1B) complementos que são os alimentos dos pássaros (frente, g. 2 A) e água em movimento (verso, g. 2 B) pássaro da água parada lago (frente, g. 3 A) água parada ou lago (verso, g. 3 B). O dispositivo permite uma apropriação subjetiva ou da imagem, ou do símbolo, dos signos ou do som, do alimento ou de alguma música já conhecida, uma lembrança, uma fábula, uma história. Tem várias possibilidades e agrega oito elementos e seus respectivos estados de mudança com os pássaros combinados a eles: LAGO (antes da e evaporação, concentração energética), ÁGUA (em movimento de onda, cachoeira, chuva redemoinho); TERRA (berço das sementes, alimento, movimento dentro, comunicabilidade rizomática), MONTANHA (tectonia, o que conferi o relevo da Terra, para fora do centro, movimento de elevar); FOGO (em movimento contido, fogueira, aquecimento, cozimento, reunião, grupalidade TROVÃO (movimento que ateia, chacoalha, estrondo, rumorejo, incêndio); CÉU (ar, atmosfera que a tudo perpassa, perspectiva, entendimento, abrangência, criação) VENTO (ar em movimento, o que traz mudança, tira tudo do lugar). A novidade da cartogra a dos pássaros é de que, muitos participantes nem se quer notam na paisagem sonora, o canto dos pássaros. Ou seja, para muitas pessoas ouvir o canto dos pássaros não pertence a sua realidade vivida, o que Murray Schaffer chamou de surdez não funcional mas, “surdez perceptiva”.



Imediações Aberrantes: ao pé do ouvido Grupo 2 - Conexões entre manguezais e (des)territórios (des)conhecidos

No pé do vento que varreu leve a noite anterior ao acontecimento/mangue, havia um presságio de movimento, um sussurro de mistério, uma anunciação. Uma conversa, um muxoxo deslizante, meio frio. Assim pensávamos que sons seriam possíveis produzir, conduzir. Como tínhamos sido selecionados para aquele grupo mangue e não outro? Conversávamos toda hora pelo celular. Lembro de algumas questões que nos movimentaram na preparação e por serem territórios desconhecidos acabamos desistindo de tentar arranjar nossos dispositivos de maneira específica para a ocasião. Já temos um certa prática mas, a sensação de estranhamento nos dizia que era necessário desprover, (des)prever. Mesmo assim fomos atrás de fotos, descobrimos muitos desenhos de literatura de cordel incríveis sobre o mangue e seus atrativos imaginários e lendas populares. Rodrigo tirou do baú uma antiga viagem ao mangue, dezenas de fotos. A questão era porque fomos parar nesse grupo do mangue? Fora um sorteio? Eram dez grupos bem distintos e uma proposta desconhecida.

E na barriga daquele vento campineiro, algo estava sendo gestado. O Manuel de Barros dizia que o Pantanal é um lugar que ainda não existe, que está sendo gestado é um feto, um útero ninguém sabe o que dele virá por isso não se preocupava em definir o Pantanal. É preciso ouvir a boca do barro... ouvir o chão viver a pregnância da terra, o curral das águas e a ruminância das vacas.

No dia seguinte seguimos cedo para o Lume Teatro. O sol estava bem quente e aquele vento e seu chiado murmureto apagador de som, havia ido embora, o mormaço trazia o calor intenso. Chegamos e o lugar estava sendo limpo e organizado pelos participantes que iam chegando. Sobre uma escada de alumínio havia um pano de voal branco, bem transparente e longo que contra luz e tecia um brilho em movimento de água. O chão escuro, os bancos compridos foram sendo arrumados em volta formando um semicírculo, um lugar para o projetor, um lugar para as mochilas e demais apetrechos. Talvez pela própria configuração do espaço formou-se ali um centro vazio no princípio. Um atrator estranho, máquina abstrata. Algo bem livre como andorinhas em bando da foto ao lado.

Um dos intercessores nos chamou para dançar e logo aquele centro se revestiu de um magnetismo irresistível para o corpo e o movimento. Bastou um convite e a coreografia sem comando se esparramou saiu para fora do Teatro ganhou o sol, a quentura e a sombra das árvores com os compassos inusitados da música de Luciano Berio, como uma pulsação de terra molhada. Mas, logo voltamos ao centro que nos atraía. Alguém tinha puxado aquele pano e de repente a dança o envolvia fazendo revolver o tecido, flamulando e enleando casulos, aqui e acolá. Alguém virou um esfinge. O mangue nascia assim sem explicação. Foi um aquecimento geral uma vitalidade dos corpos animados, alguns não. Uns descobriam o próprios movimentos encobertos, outros buscavam encontros e movimentos em conjunto respondendo um outro pulso, que não o da música. A partir daí todas as propostas iam surgindo.

Enquanto o sol esquentava as cortinas negras fechadas para abertura de fora, iam restejando algumas ideias, os apitos ornitológicos ensaiaram alguns sons, leituras de textos dos participantes, perguntas. As cigarras cantavam, um avião passou bem baixo, alguém suspira profundamente, alguém pergunta o que te toca? O encontro, o que te move? Ai... outro suspiro mais longo. Jogando os fios cria-se uma teia de ligações. Desejo, as forças que vem de todos os ventos, risos delicados. O que me move são os músculos e os ossos mas de fato, eles pouco me ajudam se não tem o coração. Você (sua vez)... me moveee... intervalo pensativo... o risco, o desconhecido, me move o abismo e a graça dos bons encontros, a alegria que só o atravessamento arrisca indo ao ponto. Silêncio. O que me move são os fluxos, os ritmos e as águas. Silêncio. Quando aqueles galhos foram parar ali? Quem os trouxe? Foram chegando. Os fios tencionam em risos. O que me move são as impossibilidades se transformando em possibilidades de criação. O que me move é a fome, a minha fome, a fome do outro, a fome pelo alimento, pelo conhecimento, pelo sentimento. O que me move são as asas, as asas que não tenho mas, consigo com cada um de vocês. Voos. Castigo... ai o mangue vai se torcendo galhos e fios se contorcem. O que me move é risco o riso e é o amor. O que me move é fazer parte da teia e alongar, esticar, urdir. O que me move são as estrelas que dançam.

Alguém percebe a música da tensão dos fios, no ranger das cordas, nos passos e até na efemeridade refrescante das bolhas de sabão, pássaros mangue, presos aos galhos e fios. A tensão gerou uma música feita do som dos fios esticados todos completamente envolvidos, enredados... Instrumentos, cartas, pedras, objetos trazidos, um centro onde se afundava ou circulava. Enquanto o poema cão sem plumas era dito, sem uma ordem, ou sequencia. Não era mais necessário a pontuação e os intervalos entre uma fala e outra iam compondo-se, um canto insistia, alguém dizia um ou texto não programado. Não apenas dizia mas teatralizava. Alguém com a boca travada, dizia teatralizando cada coisa. O palco era giratório, o centro o fazia girar. Tudo na evanescência desse calor, rumores misturados impregnados. O tempo passou? Foi só um liame, uma língua *indescrita*, do que conseguiu se esgueirar pelos entremeios.

Referências

ARTAUD, A. *Eu, Antonin Artaud*. Lisboa: Hiena Editora, 1988. p. 105-110.

BAIOCCHI, M.; PANNEK, W. *[Des]construção e Esquizoprezença*. São Paulo: Taanteatro Companhia, 2016.

CATUNDA, M.; RODRIGUES, R. R. Devir pássaros: ecosofia em Conexões. Utopia y Praxis Latinoamericana. *CESA*, Venezuela, a. 22, n. 79, out./dez. 2017.

_____. *ABC dos encontros sonoros: entre cotidianos da educação ambiental*. Hipótese. Disponível em: <<https://drive.google.com/le/d/0B4VVtZy9vhzvdndWUVVlcm1SZGs/view>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

_____. *O canto de céu aberto e de mata fechada*. Cuiabá: Edufmt, 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.

ECO. Concerto. São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oGYQmtC5B5E>>. Acesso em: 26 mar de 2017.

GUATTARI, F. *As três Ecologias*. Campinas: Papirus, 2001.

KRAUSE, B. *A grande orquestra da natureza*. Rio de Janeiro: Zahar: 2013.

NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PIZZINI, J. *Manoel de Barros*. Brasil, 2006. Documentário.

REIS, R. R. *Eco*. Trabalho de Conclusão de Curso. Regência e Composição, UNESP, 2016.

SCHAFER, M. *A nação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do aspecto mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo; UNESP, 2001.